

PLENITUDE

PEDRO CALAPEZ ¹

*sobre um fundo azul cerúleo
sobre um fundo amarelo cádmio
vermelho óxido no primeiro plano
verde alface um pouco mais para o lado*

Jardim da Senhora do Monte. Leio sentado no incómodo banco. O Sol aparece por entre as nuvens do chuvoso Inverno. De vez em quando semicerro os olhos e sinto o Sol no meu olhar. O Tejo ao fundo, as casas que se sucedem até à Baixa. O olhar vagueia entre o perto e o longe.

Sento-me no cais em Belém. Desenho, sem olhar o papel. Percorro a outra margem do rio como se a minha vista estivesse a deslizar pelas arestas das casas que transponho a tinta negra para o bloco de *croquis*. Desenho de linha, só o contorno interessa. Um prazer especial no lento avanço da mão sincronizado com o movimento do olhar.

No fim da muralha do castelo. Sentado e olhando uma vez mais Lisboa. Desenho: a mão move-se em círculos. Alguém surge nas minhas costas para observar o que faço. Termino nesse momento, dobro a folha do desenho. O meu olhar queria estar só consigo mesmo.

Fonte da Pinta. A água que cheira a ferro não pára na bica da fonte. A serra vê-se ao longe, por entre ramos e folhas. As tintas escorrem no papel como que sentindo o cair da água, como que se apercebendo das primeiras sombras do entardecer.

¹ Pintor. E-mail: pedrocalapez@hotmail.com

Incluem-se nas páginas anteriores, pormenores de pintura a acrílico sobre papel, da autoria de Pedro Calapez

Chiesa de S. Lorenzo ao fundo. Curvas e contracurvas na fachada. A esplanada cheia de turistas. No caderno de viagem um rápido e retorcido apontamento.

Ponte romana. Que bom estar na murada sentado vendo a água passar. Não desenhei dessa vez. Fiquei ali só a olhar.

«Silence is a metaphor for a cleansed, non-interfering vision, appropriate to artworks that are unresponsive before being seen, unviolable in their essential integrity by human scrutiny. The spectator would approach art as he does a landscape. A landscape doesn't demand from the spectator his *understanding*, his imputations of significance, his anxieties and sympathies; it demands rather his absence, it asks that he not add anything to *it*. Contemplation, strictly speaking, entails self-forgetfulness on the part of the spectator: an object worthy of contemplation is one which, in effect, annihilates the perceiving subject.»

(SUSAN SONTAG, *The Aesthetics of Silence*²)

Não sei falar de paisagem. Penso por vezes em planos que se aproximam e afastam; em linhas do horizonte; em linhas que se tocam no fim do olhar.

A minha paisagem estabelece-se no confronto das manchas de cor que disponho nas superfícies que pinto. Esse combate faz-se em cada superfície ou de quadro em quadro, quando o campo visual que proponho se compõe por diferentes partes, lado a lado.

Não posso falar de paisagem sem falar da minha pintura porque quando olho a paisagem é na minha pintura que penso.

Não sei o que procuro na paisagem que olho.

Mais do que um «país», mais do que a calma ou o lento respirar; mais do que o êxtase dum pôr do Sol ou o seu raiar em vermelho; mais do que o exterior dum qualquer quarto sombrio; mais do que o passar das nuvens; mais do que o azul através das folhagens e ramos; mais do que profundos abismos; mais do que estreitos desfiladeiros ou imponentes montanhas; mais do que o cheiro da terra ou o som dos animais distantes; mais do que o marulhar das ondas ou o mar que no céu toca.

² «The Aesthetics of Silence» (1967), *In* «A Susan Sontag Reader» – Penguin Books. Introduction by Elisabeth Hardwick.

Na minha paisagem tudo falta e tudo se encontra; tudo se determina mas tudo se confunde; os caminhos bifurcam-se procurando jardins.

Não tenho preferência por cores ou espessura de linhas ou tintas; tudo me serve.

Se coloco um azul e depois um vermelho, o primeiro com muita tinta, de escorrer lento e texturado, o segundo como uma onda rebentando no mar, logo em seguida surge uma terra verde ou um amarelo de marte, muito lisos, quase sem espessura; se sugiro um espaço com uma parede ao fundo logo depois esta se desloca e parece não mais fazer sentido, confundindo-se o chão com o tecto, o longe com o perto, o escuro com o claro.

Não faz sentido. Não fazer sentido.

É disso que se trata aqui. É na indefinição da paisagem que ela surge no seu máximo sentido. É na sua não descrição que a começo a entender melhor. É no engano do meu olhar que a paisagem se explica.

Do «país» ou o grau zero da paisagem (A. ROGER) aos *monochromes* de Ad-Reihardt, passando pelas rochas de Giotto, ou as plantas de Carpaccio, os mares de Klee, as esfumadas cores de Rothko, as desfocadas imagens de Richter, percorro o caminho único que faz sentido na paisagem.

Pormenor do meu olhar, engano dos meus sentidos. Justamente a paisagem só existe porque a comento com as minhas cores e linhas e não enquanto distância, não enquanto horizonte.

Plenitude.